
Apresentação

Explorando os domínios do ícone peirciano: para além da imagem e da semelhança*

Raquel Ponteⁱ

Eluiza Bortolotto Ghizziⁱⁱ

Este Dossiê temático fez um convite para estudiosos contemporâneos da semiótica de Charles S. Peirce (1834-1914), propondo-lhes que apresentassem suas contribuições para o tema da Iconicidade, conceito fundamental em toda sua arquitetura filosófica, cuja complexidade continua a instigar pesquisadores ao longo dos anos. Este desafio foi aceito pelos autores que integram esta edição e cujas escritas promovem uma renovação do conceito, não no sentido de recriar as bases teóricas dadas na teoria de Peirce, pelo contrário, de voltar a elas e ir além do óbvio, de expandir os estudos. Como alguns desses autores fazem questão de frisar, os domínios do ícone estão além da sua limitação ao signo imagético, da mera relação semelhança entre signo e objeto ou da simples oposição à arbitrariedade e convencionalidade da linguagem.

Suas escritas mostram que são muitos os caminhos possíveis para o estudo da iconicidade a partir da teoria de Peirce, para a qual o ícone distingue-se dos signos indiciais e simbólicos, contudo, integra com eles o continuum semiótico, revelando seu valor para a percepção, a renovação dos sentimentos, o raciocínio e a criação, mostrando-se coerente com a perspectiva realista da sua semiótica. Também identificam que Peirce não reduziu o ícone a apenas uma relação entre signo e objeto, mas desdobrou-o em diferentes tipos, que possuem funcionamentos lógicos específicos na semiose e se relacionam com outras tricotomias. Além disso, mostram como a iconicidade se vincula a outros fenômenos de primeiridade, seja a criatividade, a imaginação, a abdução, a estética e tudo aquilo que é potência, seja na ciência ou na arte.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.244144>.

ⁱ Professora Adjunta de Comunicação Visual Design na Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA-UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: raquelponter@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4718-3671>.

ⁱⁱ Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: eluizabortolotto.ghizzi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4770-625X>.

Nesse sentido, são diversos os caminhos adotados por cada autor, ora contribuindo para os desenvolvimentos da própria teoria, preenchendo algumas lacunas deixadas pelo filósofo, ora detendo-se em estudos comparativos com outras semióticas, no desenvolvimento de semióticas especiais ou em aplicações da semiótica a estudos de caso nos mais diversos campos: na pintura, no design, no cinema, na publicidade e até mesmo na música, enfim, em áreas que lidam com diferentes linguagens e hibridações.

No artigo que inaugura este dossiê, “As funções cognitivas da iconicidade”, Lucia Santaella apresenta as variações do conceito de ícone de Peirce que têm sido pouco exploradas até hoje. Fruto de uma vasta pesquisa que abrange os estudos da cognição e da percepção, a autora mostra que a riqueza deste termo não pode ser reduzida à compreensão do ícone como um signo que representa seu objeto por semelhança, faceta esta muito difundida nos estudos semióticos. A partir dos escritos do filósofo, Santaella revela outros entendimentos do fenômeno da iconicidade, que abarcam o ícone puro (um quase-signo meramente possível, sem poder de representação, responsável pelo que costumamos chamar de insight), os ícones atuais (que podem também ser nomeados de ícones perceptivos) e os três tipos de hipoícones (ou signos icônicos, que professam representar alguma outra coisa): imagem, diagrama e metáfora. Com isso, a autora ressalta como estas formas híbridas de ícones, que se relacionam com as três categorias fenomenológicas, e não apenas com a categoria de primeiridade, têm papel fundamental nos processos abduativos de descoberta e criação, da percepção e da cognição.

Uma arquitetura completa das classes de signos de Peirce é algo que os escritos desse filósofo deixam em aberto e que tem sido uma tarefa assumida por estudos contemporâneos aos quais junta-se a pesquisa de Vinícius Romanini. No artigo “Uma classificação da iconicidade a partir da faneroscopia peirciana”, ancorado na faneroscopia e nas regras de composicionalidade da gramática especulativa peirciana, ele propõe 36 classes de signos icônicos. Para isso, olha para formas degeneradas de signo — p. ex., réplica, subíndice e hipoícone — que foram nomeadas por Peirce, mas que ele próprio não chegou a integrar à sua arquitetura signica. Essa hipótese classificatória, como o próprio autor coloca, possibilita um olhar renovado sobre a semiose icônica, não no sentido de meramente isolar os casos, mas de acompanhar os movimentos rumo a semioses mais complexas. Convida para integrarem a esses estudos classificatórios, outros, nos campos da arte, da comunicação, do design e das ciências, para os quais um olhar orientado pelas diferentes formas de iconicidade permitirá acompanhar as potencialidades semióticas dos fenômenos, bem como o crescimento em compreensão e extensão dos conceitos.

Um dos principais interesses no estudo do ícone peirciano volta-se para a relação entre o ícone e o surgimento de novas ideias. Isabel Jungk trata da iconicidade, assim como de outras manifestações da primeiridade peirciana, nos

processos de raciocínio que levam à geração de novas ideias, em seu artigo “O jogo da criatividade: a função dos signos icônicos no pensamento”. Sendo incentivada e desejada em diferentes campos do conhecimento, a criatividade se refere a uma ação frutífera, que gera uma existência para algo inédito. Apesar de o pensamento criativo parecer acontecer espontaneamente, a autora, a partir de diversos conceitos da filosofia de Peirce, que divergem da visão cartesiana de intuição, busca mostrar como todo conhecimento deriva sempre de fatos externos, percebidos e processados semioticamente, sendo produto de julgamentos anteriores da experiência. Seu artigo busca explicitar que o pensamento criativo se baseia em premissas abdutivas apreendidas perceptivamente que podem ser mais ou menos conscientes. A abdução, diferentemente da dedução e da indução, parte da observação de fatos que rompem nossas crenças e sugere uma hipótese explicativa, sendo a semelhança um fator fundamental nesse processo. Neste sentido, o texto aponta para a importância dos diferentes signos icônicos no pensamento criativo, que apresentam baixa segurança, mas grande uberdade (fertilidade).

Entre os campos talvez menos explorados pelos estudiosos do ícone peirciano encontra-se o da linguística, assunto enfrentado por Winfried Nöth, no artigo “Iconicidade linguística desde F. de Saussure e C.S. Peirce”, que traz um levantamento sobre o estudo da iconicidade na linguística moderna, apresentando as perspectivas de diferentes estudiosos em suas aproximações e distinções entre os principais termos usados por Saussure e Peirce. Nöth nos apresenta como o conceito de arbitrariedade do signo linguístico saussuriano inibiu as pesquisas sobre a iconicidade neste campo, por ser vista como um fenômeno marginal. Foi na década de 1980, apenas, que passou a ser pesquisada com maior profundidade, em uma “virada icônica”, voltando a ser um tema aceitável nos estudos da linguagem verbal. Não sendo um termo utilizado por Saussure, diferentes autores apresentam paralelismos entre os conceitos de motivação e transparência, próprios da linguística, e a iconicidade diagramática, para além da perspectiva fonocêntrica. O artigo de Nöth oferece, assim, uma contribuição para os estudos da iconicidade ao demonstrar que a noção de signo arbitrário em Saussure não corresponde ao símbolo em Peirce e ao evidenciar que o ícone peirciano se distingue do signo verbal motivado de Saussure.

Em seguida, “El signo artístico como icono en Charles S. Peirce”, de Sara Barrera, consiste em uma análise importante da caracterização do signo artístico como icônico, incluindo reflexões sobre beleza e sobre o conceito de admirável da estética peirciana. No âmbito da semiótica da arte, reconhece a importância de perceber, no objeto de arte como signo, outras semioses, como a indicial e a simbólica, além da icônica. A partir disso, sua escrita encaminha um encadeamento entre liberdade, autocontrole e criação, ao mesmo tempo em que acolhe a ideia de equilíbrio entre qualidades sensíveis e razoabilidade na busca de um ideal estético. Isso lhe permite um olhar para as potencialidades da semiose

icônica diante do fenômeno artístico, que a levam a enfatizar a importância da arte e da ampliação de suas fronteiras.

Por sua vez, o artigo de Lúcia Dantas, “Dimensões de ícone para uma semiótica da arte e uma filosofia da imagem”, propõe, segundo ela mesma sintetiza, uma “uma arqueologia conceitual do ícone e de seus principais correlatos no âmbito do vocabulário filosófico platônico e aristotélico — eikón; eídon; phantasia; mímesis; eikós”. Ao fazer isso, ela coloca o conceito peirciano de ícone em diálogo com uma filosofia da imagem na Antiguidade grega, para refletir sobre uma filosofia e uma semiótica da arte e da imagem hoje. Nessa esteira arqueológica, a autora adentra a reflexão estético-teológica em torno do conceito de ícone, para tratar do binômio “ícone” e “ídolo”, a partir do qual o ícone assume um sentido específico dentro da história da arte cristã. Explora, ainda, o domínio do sensível na estética de Peirce e os conceitos de iconografia e iconologia na história da arte.

Iniciando o grupo de artigos que aplicam a iconicidade em diferentes áreas, “A narrativa iconográfica da arte cristã pós Concílio Ecumênico Vaticano II sob a ótica peirceana”, de Silvana Borges Silva de Christiane Meier, trabalha com a iconografia cristã, especialmente com autores que argumentam acerca das relações inseparáveis entre as imagens sacras e os espaços religiosos, para que essas possam atender à função litúrgica, que é a sua destinação inicial. Tal como as autoras observam, com a ajuda das categorias fenomenológicas de Peirce, isso propõe reconhecer uma distinção importante entre ler uma imagem sacra dentro do espaço das igrejas e dentro de um museu. Diferentes casos de relações entre imagens sacras e espaços religiosos são exemplificadas no artigo, com a ajuda de documentos, como esquemas do artista Claudio Pasto (1940-2016), cuja vida artística foi dedicada à arte e à arquitetura sacras cristãs, além de registros fotográficos de espaços religiosos.

Paralelamente a reconhecer a persistência da pintura no cenário artístico contemporâneo, Priscilla Pessoa, no artigo “Fotografia, pintura e iconicidade: um estudo semiótico sobre processos criativos na pintura contemporânea brasileira”, detectou um fenômeno comum, qual seja, reflexos da fotografia nessa arte, e que a levou a hipotetizar sobre uma influência da fotografia nos processos de criação da pintura brasileira contemporânea, e a conduzir uma investigação que foi das pinturas aos processos criativos, para a qual ela combinou preceitos da crítica genética e da filosofia e da semiótica de Peirce. O artigo apresenta um recorte da pesquisa, no qual a autora faz uso da tricotomia da relação entre signo e objeto da semiótica peirciana, para compreender as relações de referencialidade — da pintura com a fotografia, e desta com o mundo. Isso lhe permite detectar “convergências quanto ao uso de fotografias como referências na produção pictórica”. E é nessas convergências que a autora destaca a predominância de semioses icônicas nas relações de referencialidade, após um estudo

sistematicamente conduzido e um olhar minucioso sobre as diferentes peculiaridades dos processos de criação.

Por sua vez, Lucy Niemeyer, no artigo “Capas da Revista Senhor: iconicidade em circulação”, se debruça sobre a análise da imagem no campo do Design, identificando a iconicidade presente nas capas desta importante publicação brasileira, lançada em março de 1959, que apresentou então uma nova linguagem editorial de revista, sendo um relevante marco na profissionalização do design gráfico no Brasil. Com o objetivo de evidenciar como a iconicidade dos elementos gráficos das capas determinaram os processos de construção dos significados tanto do destinador da Revista Senhor quanto do seu destinatário, a autora seleciona como amostra a capa da edição de estreia e mais quatro edições representativas das diferentes fases da revista, de seu lançamento a seu encerramento, em dezembro de 1968. A partir das análises, identifica-se como a iconicidade presente nas imagens foi determinante para a construção de interpretantes dinâmicos expressivos das situações pelas quais a empresa passou - tais como alterações de proprietários da editora e diretores de arte da revista, decorrentes de diferentes contextos, culturais, políticos, econômicos, sociais no país - e para a veiculação dos valores da publicação e construção de um perfil público-alvo.

A iconicidade no cinema está presente em dois artigos. O primeiro é “Julio Bressane e as conversações cinematográficas: iconizações do signo verbal”, de Lennon Macedo, que aborda o processo de iconização do verbal que ocorre nas conversações cinematográficas dos filmes deste diretor, analisando cenas escolhidas de *Brás Cubas*, de 1985, e de *Cleópatra*, lançado em 2007. Para isso, conduz o leitor por distintos entendimentos do ícone peirciano: não apenas pela habitual compreensão da iconicidade pautada em uma relação de semelhança entre signo e objeto, como em Christian Metz (via Charles Morris e Abraham Moles) e Gilles Deleuze, mas também pela compreensão do ícone como sinônimo de abertura e descoberta, tal como proposto por Décio Pignatari, isto é, um modo de expressão das possibilidades qualitativas (primeiridade) que todo signo poético permite. A iconização, portanto, consiste em um processo de transformação de um símbolo em ícone, fazendo desviá-lo de si por saturar o simbólico, tornando-se outro por seus traços qualitativos. O autor mostra, com esses dois casos, como Bressane iconiza o verbal falado, seja pelo sotaque, seja pela oralidade como gesto, como força criadora para desvelar as qualidades sonoras e visuais que coexistem com o verbal.

O segundo artigo que trata do tema deste dossiê no cinema é “Entre gosmas, xenomorfos e máquinas: iconicidades alienígenas híbridas e bioassinatura na franquia alien”, de Livia Machado, que trata da iconicidade na construção das figuras alienígenas, focando nas impactantes representações visuais das diferentes fases evolutivas do Xenomorfo, desenvolvidas para o filme *Alien, o Oitavo Passageiro*, pelo designer suíço H. R. Giger, que se desdobraram

em diferentes seres extraterrestres nas demais produções da franquia. A partir do conceito peirciano segundo o qual um ícone estabelece uma relação de semelhança com as características de um objeto, quer o objeto exista ou não, os aliens são entendidos como signos icônicos e analisados segundo suas qualidades visuais que remetem aos mundos biológico e artificial, criando um sistema que aciona tanto alteridade e estranhamento, quanto familiaridade e reconhecimento. A autora mostra como a construção dos alienígenas é resultado de uma semiose infinita, alimentada pela bioassinatura e por diversos atravessamentos de representações anteriores, fazendo com que haja um *continuum* nas qualidades compartilhadas por esses seres.

Ainda no campo audiovisual, mas na publicidade, Alexander Gerner, Renata Souza Silva e Maria Eunice Quilici González, em "'Ainda Somos os Mesmos?': Iconicidade, Gestos e Ética na Apropriação do Avatar de Elis Regina", valem-se da semiótica peirciana para a análise de signos gerados com inteligência artificial. O foco são os processos de tradução intersemiótica com uso tecnologia *deepfake*, sobre os quais o conceito de ícone e o sentido de consequências pragmáticas, permitem discutir memória cultural e questões legais e éticas envolvidas no estudo de caso do qual se valem: o comercial da Volkswagen de 2023, que apresenta um avatar de Elis Regina gerado por IA atuando com a filha Maria Rita. Trata-se de uma análise comparativa, entre uma performance (em Falso Brilhante) e a sua apropriação publicitária (avatar), que mobiliza os conceitos de iconicidade operacional, experiência colateral e interpretantes emocionais, com resultados que trazem à tona um duplo vetor semiótico. De um lado, um alto grau de semelhança entre a performance do avatar e a original mobiliza emocionalmente o público, ativando a memória afetiva em relação à cantora, de outro, abre espaço para carregar junto os interesses comerciais específicos da propaganda, que pode ser lida como um ato político de neutralização e transformação de valores; no caso em estudo, daqueles valores de resistência política à ditadura, que a memória cultural de Elis Regina carrega.

Encerrando este dossiê, "En torno a la iconicidad sonora y musical: problematizaciones semióticas desde una perspectiva peirciana", de Federico Buján, faz uma aproximação entre a semiótica peirciana e os fenômenos sonoro e musical, com foco no conceito de ícone. Nesse sentido, e alinhando-se a outros estudos de semiótica aplicada à arte, as reflexões afastam-se de uma leitura do ícone limitada às considerações das relações de semelhança com um objeto existente e externo à obra; ao mesmo tempo, vale-se da sua caracterização como signo autorreferente. Assim, seu olhar volta-se, parafraseando o próprio autor, para a capacidade do ícone de organizar os sons de tal modo que seja possível reconhecer nele uma estrutura, uma forma e uma configuração particulares, que pode dar lugar, por exemplo, a uma experiência emocional ou a uma narrativa culturalmente situada. Tais reflexões deverão contribuir para uma, ainda pouco explorada, semiótica de extração peirciana aplicada à música.

Com esse conjunto de escritos, que vai de reflexões internas à teoria, diálogos com outras semióticas e filosofias a aplicações em domínios diversos da linguagem, como texto, imagem e som, esta edição da Estudos Semióticos entrega aos pesquisadores da área abordagens consistentes do tema iconicidade dentro do recorte proposto. Trata-se, contudo, de um tema que ainda possibilita muitos outros desenvolvimentos, dentro e fora da teoria de Charles S. Peirce. É com esse reconhecimento que desejamos uma boa leitura e esperamos que as pesquisas aqui apresentadas instiguem contínuas investigações sobre os fenômenos relacionados à iconicidade! ●

 **Exploring the domains of the Peircean icon: beyond image and resemblance**

 PONTE, Raquel

 GHIZZI, Eluiza Bortolotto

Como citar este artigo

PONTE, Raquel; GHIZZI, Eluiza Bortolotto. Explorando os domínios do ícone peirciano: para além da imagem e da semelhança. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 3. Dossiê temático: "Iconicidade". São Paulo, dezembro de 2025. p. i-vii. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

PONTE, Raquel; GHIZZI, Eluiza Bortolotto. Explorando os domínios do ícone peirciano: para além da imagem e da semelhança. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 3. Thematic issue: "Iconicity", São Paulo, December 2025. p. i-vii. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This is an open access article distributed under the terms of a
Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

